

Apresentação

*Fabrício Neves

**Camila Galetti

***Antônio Brito

A frase “o Brasil não é para principiantes”, atribuída a Tom Jobim, talvez seja o veredito mais repetido quando se busca afirmar algo definitivo sobre o país. Isso articula características que desde sempre desafiaram principiantes, ou não, no pensamento social brasileiro. Autoras e autores que buscavam compreender seus processos sociais, se deparavam com vertigens e contradições que elevava o grau de dificuldade. País continental de variadas formações étnicas, raciais e manifestações culturais, com uma formação colonial à base da exploração do trabalho escravo e de violência contra negros e mulheres. Tudo isso embalado na narrativa oficial da mítica democracia racial que, de tempos em tempos, reaparece como característica autêntica e definidora do país. Somente principiantes, ou mal-intencionados, aceitam ainda tal narrativa, misto de apoio psíquico para a barbárie racial e suporte ideológico para a dominação.

Embora as autoras e autores do dossiê estejam no princípio de suas carreiras acadêmicas e práticas políticas, os textos que se seguem mostram erudição e análise que nada devem às abordagens mais avançadas e consolidadas no tempo. Eles fazem avançar temas como racismo e sexismo na formação da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que revisitam obras criticamente, apresentando nuances que contribuem para leituras diferentes. Mais que visitar, os autores e autoras presentes no dossiê, fazem avançar a interpretação do Brasil, lançando luz no passado,

mas fazendo que compreendamos melhor o presente.

O dossiê se inicia com uma introdução dos editores, “Percurso do pensamento social no Brasil”, em que buscam passar em revista os principais marcos e temáticas das linhagens tradicionais do pensamento social brasileiro, em que medida as ausências e interpretações mais marcadas e questionáveis temporalmente estão dando margem para novas inquietações e abordagens, nas quais as demandas por representação ocupam o centro da cena.

Afetados por uma nova agenda de demandas por representação, os autoras e autores presentes neste dossiê optaram por uma abordagem crítica acerca de alguns cânones do pensamento social brasileiro, pondo em xeque as ausências e visões distorcidas das questões de gênero e o tratamento tradicionalmente dado à problemática racial, em que na melhor das hipóteses a negritude é colocada em posição subalterna.

Camila Oliveira Silva da Cruz vai interseccionar essas duas dimensões, a racial e a de gênero, a partir da leitura de três capítulos de Casa Grande & Senzala nos quais Freyre analisa especificamente a condição das mulheres negras escravas no Brasil colonial. Tomando como referência a obra de intelectuais negras brasileiras e estadunidenses (bell hooks, Lélia González, Patrícia Hill Collins, Saidiya Hartman e Sueli Carneiro), Camila enxerga traços de racismo e misoginia na abordagem de Freyre, indicando a necessidade de desconstrução da interpretação freyriana como forma de contribuir para romper com a visão racista e sexista acerca do negro e ainda presente no imaginário social brasileiro.

Cecília Aguiar desenvolve uma interpretação em moldes semelhantes, porém mais concentrada em uma

análise comparativa entre as obras de Gilberto Freyre e de Sueli Carneiro e a forma diametralmente oposta como esses dois autores trataram as questões de gênero, raça e ascensão social no Brasil. De um lado, Freyre teria sido o principal responsável por disseminar uma perspectiva falaciosa de existência de uma “democracia racial” no Brasil, enquanto Sueli Carneiro tem procurado questionar a leitura freyriana, não só em termos intelectuais e acadêmicos, mas vinculando-se a movimentos antirracistas e antissexistas.

Seguindo pela questão racial, Rafael Moreira da Silva de Oliveira vai fazer uso de perspectivas teóricas pós-coloniais e decoloniais, cotejando com autores brasileiros como Lélia Gonzalez e Guerreiro Ramos, para tratar da oposição entre o discurso do campo científico da segurança pública brasileira e sua indiferença em relação ao genocídio da juventude negra. Para ele, tal descompasso e ausência de consideração da problemática racial no discurso hegemônico da segurança pública é reflexo das teorias racialistas que continuam presentes na sociedade brasileira, ainda dominada pela dinâmica das estruturas raciais e coloniais que a formaram.

Também abordando temáticas da segurança pública, Vinícius Oliveira Feitosa apresenta uma abordagem original em que busca analisar como as interpretações acerca de identidades culturais brasileiras ritualizadas no cotidiano funcionam como códigos de reconhecimento para o estabelecimento de gangues prisionais, com seus subgrupos e “habitus” próprios.

Também com foco na questão racial, o autor Vinícius Santos recorre a *Sobrados e Mocambos* para analisar como foi se constituindo uma forma específica

de cidadania negra no Brasil à medida que a sociedade patriarcal rural ia entrando em declínio. Para ele, ao contrário da convivência multiétnica, o que se percebe ao analisar *Sobrados e Mocambos* é a sedimentação de conflitos que foram relegando a população negra a uma posição subalterna no processo de inserção da sociedade brasileira na modernidade.

Matheus Rolim, por outro lado, vai centrar a sua análise na dimensão cultural do pensamento social brasileiro, abordando a temática da identidade e do caráter nacional presente em diversos autores, estabelecendo comparação entre as perspectivas de Freyre e Sérgio Buarque, para em última instância tratar das categorias de Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil* e como ele constrói o tipo ideal do “homem cordial”, definidor da personalidade individual que orienta as relações sociais no Brasil.

Por fim, Eliel dos Reis Almeida também segue por um caminho metodológico, lançando mão de autores canônicos do pensamento social brasileiro para analisar a formação do campo intelectual e acadêmico nas ciências sociais a partir das trajetórias de Antonio Candido e Florestan Fernandes, autores que, por caminhos distintos, e até dicotômicos, um pelo método ensaístico e o outro pelo método científico, tornaram-se referência na profissionalização da sociologia no Brasil.

Finalmente, trazemos uma entrevista com a professora do Departamento de sociologia da Universidade de Brasília, Mariza Veloso, especialista em pensamento social brasileiro.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

*Professor do Departamento de Sociologia da Universidade



de Brasília

**Mestra e doutoranda em Sociologia pela Universidade de Brasília.

***Doutorando em sociologia da Universidade de Brasília.

